

CONCORDÂNCIA NOMINAL E FUNCIONALISMO¹

Maria Marta Pereira SCHERRE²

- **RESUMO:** Neste trabalho defendemos que a variação na concordância de número no sintagma nominal em português do Brasil não se explica pelo princípio de economia linguística, no sentido de que “quanto mais imprezível a informação, mais material que a codifique é necessário” (Haiman, 1983, p.802), ou, em outras palavras, “o que é predizível requer menos codificação do que o que não é” (p.807). Apresentamos uma análise de cinco variáveis independentes e concluímos que os elementos flexionais do sintagma nominal apresentam + marcas explícitas de plural se (1) estão em um contexto de mais pluralidade; (2) apresentam mais coesão sintagmática; e (3) apresentam o arquiteço [+saliente]. A partir daí, defendemos que o fenômeno analisado pode ser mais bem explicado por princípios não-informacionais, como o princípio de saliência de Naro, o princípio de coesão de Cornish (1986) e o princípio de processamento com paralelismo (Scherre, 1988a).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Concordância nominal; princípios funcionalistas; variação linguística.

Introdução

No português culto do Brasil, os fenômenos de concordância de número plural são considerados obrigatórios e redundantes, uma vez

1 Este texto foi quase todo baseado na análise não-atomística desenvolvida em minha Tese de Doutorado. Todavia, por sugestão das organizadoras deste volume, foram feitos alguns ajustes, o que acarretou novas rodadas, para as quais usamos o pacote Varbrul implementado por Susan Pintzuk (1988). Detalhes sobre o modelo matemático subjacente a esse pacote podem ser encontrados no texto de Sankoff (1988).

2 Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculos – Instituto de Letras – UNB – 70910-900 – Brasília – DF.

que repetem marcas contendo a mesma informação em pontos diversos da cadeia sintagmática. Nos casos gerais, a tradição gramatical brasileira³ prevê o seguinte:

- na concordância dentro do sintagma nominal, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural;
- na concordância do predicativo com o sujeito, repetem-se marcas formais de plural em todos os elementos flexionáveis dos predicativos quando o sujeito for formalmente plural; e
- na concordância verbal, colocam-se marcas explícitas de plural no verbo, quando o sujeito for formalmente plural ou quando for composto.

Todavia, pesquisas diversas têm mostrado que, no português falado do Brasil, a concordância de número plural, como ilustram os exemplos a seguir, é um fenômeno de natureza variável, apresentando tanto a preservação das marcas redundantes (variantes explícitas) quanto a perda das marcas redundantes (variantes zero), condicionadas por fatores lingüísticos e não-lingüísticos:⁴

- concordância no sintagma nominal: “suas tias”, “quatro meses”, “doze latinha”, “os cara”, “os meus filhos”, “uns colega meu”, “as boas ações”, “umas casinha bonitinha”, “do meus próprios filho”, “as três coisa mais importante”;
- concordância verbo/sujeito: “eles fazem umas obras lindas”, “as pessoa num pode chegá a um portão”;
- concordância predicativo/sujeito: “eles eram menores”, eles estavam perdidos”, “meus irmãos são legal”, “os vizinho fica doido”.

A perda de marcas redundantes ou a preservação das não-redundantes em fenômenos lingüísticos diversos têm sido normalmente previstas na literatura lingüística à luz de princípios que estabelecem a natureza de codificação da previsibilidade ou imprevisibilidade da informação.

Kiparsky (1972, p.195), por exemplo, estabelece *condições de distintividade*, afirmando que “há uma tendência para a informação semanticamente relevante ser retida na estrutura superficial”. Na literatura

3 Ali, 1927; Pereira, 1949; Rocha Lima, 1983; Cunha & Cintra, 1985; Almeida, 1992.

4 Amaral, 1920; Marroquim, 1945; Nascentes, 1953; Jeroslow, 1974; Braga & Scherre, 1976; Braga, 1977; Scherre, 1978, 1988, 1991; Ponte, 1979; Nina, 1980; Naro, 1981; Guy, 1981a; Nicolau, 1984; Bortoni-Ricardo, 1985; Rodrigues, 1987; Graciosa, 1991; Dias, 1993; Pereira, 1993.

lingüística variacionista, esta colocação de Kiparsky tem sido denominada de hipótese funcionalista, e uma série de estudos tem sido realizada sob essa óptica, ora buscando, ora apresentando evidências que a fortaleçam (Poplack, 1980a, b, 1981; Guy, 1981a, b; Paredes Silva, 1993; Cameron, 1993).

Fora da literatura variacionista, hipóteses funcionalistas semelhantes também têm sido formuladas. Haiman (1983), por exemplo, afirma que há evidências de que “quanto mais imprevisível for um pedaço de informação, mais codificação ele requer” (p.802) ou, em outras palavras, coloca que o princípio da economia ou a motivação econômica se apóia “na verdade do axioma geralmente aceito de que o que é previsível recebe menos codificação do que o que não é.” (p.807). Também Givón (1991, p.87), ao explicitar o subprincípio da quantidade, inserido por ele no princípio da iconicidade, afirma que “informação menos previsível receberá mais material de codificação” (também Gorsky, 1994, p.41).

Em 1988, discuto em minha tese de doutorado resultados de uma pesquisa sobre a concordância de número no sintagma nominal (SN), apresentando um conjunto significativo de evidências interpretadas como *contra-funcionais*, no sentido estabelecido anteriormente, contrapondo-as a uma série de outras colocações sobre o mesmo tema, inclusive às minhas próprias de 1978, por ocasião de minha dissertação de mestrado. Na exata ocasião da defesa de meu doutorado, o saudoso colega Fernando Tarallo, então membro da banca, passou às minhas mãos um texto de Labov, publicado em 1987 sob o título de “The overestimation of functionalism”, que também apresentava uma série de evidências contra-funcionais na mesma linha. Em 1994, no primeiro volume de sua mais recente obra, *Principles of linguistic change – Internal factors*, Labov retoma o tema no capítulo 19 – “The functional character of change” –, apresentando uma versão ampliada de seu artigo de 1987, ao qual incorpora novas evidências.

Desde 1990, em congressos e em publicações, Naro e eu temos discutido esta questão, e estamos continuando a pesquisa com o intuito de buscar um entendimento global do fenômeno da concordância de número no português do Brasil (Scherre & Naro, 1991, 1992, 1993).

Portanto, dado o interesse que o tema apresenta, considero oportuno retomar alguns resultados de minha tese de doutorado, apresentando ao leitor um conjunto de evidências de que o princípio da economia, no sentido aqui delineado, não dá conta da preservação ou da perda de marcas envolvendo a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal (SN) no português do Brasil.

Sobre os dados analisados

Analisei dados de SNs plurais extraídos da fala de 64 falantes do *Corpus Censo* (Silva, no prelo): 48 adultos subdivididos em razão do sexo (24 homens e 24 mulheres), dos anos de escolarização (19 de 1 a 4; 16 de 5 a 8; 13 de 9 a 11) e da faixa etária (16 de 15/25 anos, 15 de 26/49, 17 de 50/71) e 16 não-adultos (7/14 anos) subdivididos em razão do sexo (8 meninos e 8 meninas) e dos anos de escolarização (16 de 1 a 4; 16 de 5 a 8).

Analisei a concordância nominal sob duas perspectivas: uma atomística, em que cada elemento flexionável do SN é uma unidade de análise, e outra não-atomística, em que o SN inteiro é a unidade de análise. Na perspectiva atomística, considerei duas variantes: variante explícita de plural *versus* variante zero de plural, em cada um dos elementos flexionáveis do SN. Na perspectiva não-atomística também considerei duas variantes: SN com todas as variantes explícitas de plural *versus* SN com pelo menos uma variante zero de plural.

Na perspectiva atomística, trabalhei com um total de 13.224 elementos nominais extraídos de um total aproximado de 7.000 sintagmas. Na perspectiva não-atomística, trabalhei com 948 sintagmas de mais de dois elementos dos falantes adultos. O percentual de presença de marcas de plural nos 13.224 é da ordem de 71%. Deste total, 11.083 dados são dos falantes adultos (15/71 anos), com 7.978 com a variante explícita: 72%; e 2.141 são das crianças (7/14 anos), com 1.415 com a variante explícita: 66%. O percentual de SNs de mais de dois elementos com todas as variantes explícitas é, por sua vez, da ordem de 51%.

Discussão das variáveis independentes

Configuração sintagmática do SN

A grande maioria dos pesquisadores que estudaram a concordância nominal em português tem afirmado que, no português falado no Brasil, há uma tendência a se colocar a variante explícita de plural no primeiro elemento do SN e, conseqüentemente, por uma questão de economia, há a tendência a se omiti-la nos demais elementos do SN.

Através de uma análise minuciosa (Scherre 1988a, b e no prelo), considerando também a variável classe gramatical, demonstrei com riqueza de detalhes que a posição linear que o elemento ocupa no SN, como uma variável isolada, não tem a força que se supunha ter. O que há é um jogo complexo de relação entre as classes gramaticais não-nucleares e as nucleares; e das classes nucleares em razão da posição no SN. A análise indicou que a classe gramatical e a posição do elemento no SN não têm efeito independente: as classes nucleares são relativamente sensíveis à posição que ocupam no SN, chegando a apresentar mais variantes explícitas na terceira do que na segunda posição do SN e as classes gramaticais não-nucleares, por sua vez, são mais sensíveis à posição em relação ao núcleo: se à sua esquerda apresentam mais a variante explícita; se à sua direita apresentam mais a variante zero (Naro & Scherre, 1993).

Concluí, portanto, que a influência da variável posição que tradicionalmente se apóia em pressupostos funcionalistas do tipo delineado na introdução deste texto não é tão regular quanto se supunha. No sentido do princípio da economia, a nova forma de analisar os dados tem muito pouco de funcionalista.

Em busca do entendimento da forte influência da posição, da classe gramatical e da relação entre as classes, vistas como uma só variável, busquei uma nova visão do fenômeno, através da análise da variável configuração sintagmática do SN sob a perspectiva não-atomística, que, por ora, envolve apenas os SNs de mais de dois constituintes produzidos pelos falantes adultos. A análise inicial dos dados revelou de imediato contrastes interessantes que podem ser observados nas Tabelas 1 e 2.

A Tabela 1 contém quatro subagrupamentos de configurações sintagmáticas contrastantes entre si. Nessa tabela, focalizo a classe gramatical que ocupa a última posição do SN: um substantivo ou um não-substantivo (adjetivo, possessivo ou um quantificador *todo*). Sistemáticamente, sempre que o SN tiver um substantivo como o seu último constituinte, ele tende a se apresentar com todas as variantes explícitas de plural.

Os três subagrupamentos na Tabela 2, aos pares, mostram ainda que a maior incidência de SNs com todas as variantes explícitas de plural é também função do tipo categorial do primeiro elemento do SN, ou seja, evidenciam também sistematicamente que, se o SN tiver um artigo definido como seu primeiro constituinte, o percentual de marcas se eleva; mas, se tiver uma categoria diferente do artigo definido, este percentual se abaixa.

Tabela 1 – Frequência de SNs com todas as variantes explícitas de plural em função da classe gramatical do elemento que ocupa a última posição no SN

Tipos de configuração	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas
1a) {quant.+art.def.+ subst. } (todas as coisas)	62	78	82%
1b) {art.def.+subst.+ quant. } (as coisa toda)	7	18	39%
2a) {art.def.+poss. subst. } (os meus filhos)	95	136	70%
2b) {poss.+subst.+ quant. ou adj. } (minhas prova todinha)	3	11	27%
2c) {-art.def.+subst.+ poss. } (três colega meu)	2	8	25%
3a) {art.def.+card.+ subst. } (as duas pista)	46	92	50%
3b) {cardinal.+subst.+ adj. } (quatro quarto reservado)	5	23	22%
4a) {+art.def.+adj.+ subst. } (as más patroas)	14	26	54%
4b) {-art.ind.adj.+ subst. } (umas boas palmadas)	19	33	56%
4c) {+art.def.+subst.+ adj. } (as pena bonita)	86	216	40%
5a) {dem.+adj.+ subst. } (esses pequenos trabalhos)	7	14	50%
5b) {dem.+subst.+ adj. } (essas estradas nova)	16	44	36%

Tabela 2 – Frequência de SNs com todas as variantes explícitas de plural em função da classe gramatical do elemento que ocupa a primeira posição no SN

Tipos de configuração	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas
1a) {+ artigo definido +poss.+subst.]} (os meus filhos)	95	136	70%
1b) { poss. +card.+subst.]} (meus dez dias)	6	13	46%
2a) {+ artigo definido +subst.+adj.]} (as pessoas ricas)	45	92	49%
2b) {- art. definido +subst.+adj.]} (umas pessoas ricas/ dois risco verde)	41	124	33%
3a) {+ artigo definido +subst.+quant.]} (os pano todo)	7	18	39%
3b) { poss. ou dem. +subst.+quant.]} (meus filho todo/ esses bairro todo)	15	86	17%

É interessante observar ainda que o tipo de SN que tende a se apresentar com todas as variantes explícitas é o que apresenta a configuração {quant.+art.def.+subst.} (*todas as coisas*), que contém dois ele-

mentos de referência globalizante juntos, altamente definidores: 82% dos SNs desse tipo têm todas as variantes explícitas de plural. É oportuno observar também que todos os falantes de qualquer nível de escolarização apresentam essas estruturas com um índice alto de variantes explícitas: os de 9 a 11 anos de escolarização com 83%; os de 5 a 8 com 81%; e os de 1 a 4 anos com 76%. Em verdade, as diferenças no comportamento linguístico dos falantes com respeito ao fenômeno estudado são mais quantitativas do que qualitativas, principalmente com respeito à influência do tipo sintagmático do SN. A configuração [dem.+subst. +quant.] (*essas coisa toda, aquelas vantagens todas*), que é uma das configurações com menos variantes explícitas, apresenta-se, por sua vez, respectivamente, com os seguintes percentuais de variantes explícitas em todos os elementos: 35%, 13% e 4%, ou seja, apresenta-se com todos os percentuais de concordância baixos, comparativamente aos percentuais da configuração [quant.+art.def.+subst.]. As diferenças internas são função do grau de escolarização do falante e não do tipo sintagmático em jogo.

Os resultados apresentados nas Tabelas 1 e 2 evidenciam que o índice de SNs com todas as variantes explícitas de plural é função da classe gramatical do primeiro e do último constituinte do SN. Generalizando em razão destes dois aspectos, a variável foi categorizada em sete grandes fatores. Os dois últimos fatores buscam também captar a influência da relação composição que se pode estabelecer entre substantivo + adjetivo ou entre substantivo + substantivo. A decisão de colocar esses SNs em fatores separados ocorreu em razão de a própria tradição gramatical brasileira registrar a variante zero de plural no substantivo dos compostos substantivo + substantivo nas situações em que o "segundo ... limita a significação geral do primeiro" (Rocha Lima, 1983, p.78), em casos como *bananas-maçã; canetas-tinteiro*. Interessante se faz notar que, dos apenas três casos compostos com todas as variantes explícitas, dois se iniciam por artigo definido, do total de 10 (20%) ocorrências com esse determinante em primeira posição, e um se inicia por não-artigo definido, de um total de 21 (5%). Observo também que os SNs que não têm um substantivo como núcleo – normalmente recuperável pelo contexto – ficaram também separados dos que terminam em substantivo, objetivando-se assim verificar as semelhanças de comportamento entre esses casos e os demais. Eles perfazem um total de apenas 14 dados e são todos eles iniciados por um artigo definido. A exemplificação e os resultados dos sete fatores propostos podem ser vistos na Tabela 3.

A análise feita permitiu estabelecer as seguintes conclusões (Scherre, 1988a, p.308-10; 1994):

1 A presença de artigo definido ou do quantificador *toda*, na primeira posição do SN, e a presença de substantivo, na última posição do SN, são

duas forças poderosas no sentido de provocarem a presença de todas as variantes explícitas de plural em todos os elementos flexionáveis do SN.

2 A presença de qualquer outra classe gramatical que não seja artigo definido ou quantificador *todo*, na primeira posição do SN, e a presença do adjetivo, do possessivo ou do quantificador *todo*, na última posição do SN, são igualmente duas forças poderosas no sentido de desfavorecerem a presença de SNs com todas as variantes explícitas.

3 O cruzamento das categorias mencionadas em 1 e 2 evidencia um relativo equilíbrio das duas forças: enquanto a diferença entre os fatores mais polarizados é de 0,33 (0,63 *versus* 0,30), a diferença entre os fatores que cruzam as duas categorias é da ordem de 0,18 (0,59 *versus* 0,41).

4 A configuração sintagmática com artigo definido seguida de dois adjetivos (14 casos), sem a ocorrência explícita de um núcleo substantivo, comporta-se como a configuração que tem como seu último constituinte um substantivo.

5 A configuração sintagmática composta desfavorece a existência de SNs com todas as variantes zero de plural, mas, na presença de um artigo definindo, o desfavorecimento é ligeiramente menor (0,14) do que na presença de um não-artigo definido (0,09).

Tabela 3 – Influência da configuração sintagmática do SN

Categorias	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas	Peso relativo
[+art.def. ...+subst.]				
[+quant. ...+subst.] (os meus filhos/todos os dias)	261	398	66%	0,63
[-art.def. ...-subst.] (aquelas rendas todas/três colega meu)	57	212	27%	0,30
[-art.def. ...+subst.] (tantas outras famílias/esses trinta dia)	90	166	54%	0,59
[+art.def. ...-subst.] (as danças todas/os camarada meu)	61	128	48%	0,41
[+art.def.+adj.+adj.] (os melhores possíveis/os maiores prejudicado)	12	14	86%	0,74
Composto com art. def. (os piores nomes-feios/os médico-pediatra)	2	10	20%	0,14
Composto sem art. def. (esses médicos-psiquiatra/três banana-prata)	1	20	5%	0,09
Total	484	948	51%	

Os resultados da configuração sintagmática, que constituem em parte uma outra forma de ver a relação entre classe gramatical e posição, trouxeram para a análise um dado novo: a influência do tipo categorial do primeiro elemento do SN. Tendo isso em mente, levantei algumas hipóteses que pudessem explicar a influência da classe e da posição, agora refletida na variável configuração sintagmática.

A primeira delas consiste em pressupor que a quantidade de variantes explícitas de plural presentes no SN é também função do tipo de relação que se estabelece entre os elementos dentro do texto. Os SNs com menos variantes explícitas de plural seriam aqueles claramente redundantes – os que se remetem explicitamente a elementos já presentes no contexto anterior – ou aqueles quase vazios da carga semântica de pluralidade – os que apenas marcam uma continuidade do discurso, exercendo uma função puramente fática. A grande maioria deste tipo de SNs inicia-se por demonstrativos.

Essa hipótese, de base claramente funcionalista na linha do princípio da economia, se fortaleceu pelo fato de eu ter observado inicialmente nos dados que, de 80 SNs de estrutura [demonstrativo+ substantivo+quantificador] (*essas coisa toda/esses homi todo*), 50 eram resumitivos (62%) e, destes 50, apenas cinco (10%) eram totalmente marcados. Por outro lado, de 76 SNs do tipo [quantificador + artigo definido + substantivo] (*todas as coisas*), apenas quatro (5%) eram resumitivos e, destes quatro, dois (50%) eram totalmente marcados. Decidi então propor uma variável denominada *função do SN*.

A outra hipótese levantada, também de base funcionalista, mas num sentido mais lato, diz respeito ao *status* informacional do SN (Prince, 1981; Gorsky, 1985; Naro & Votre, 1986). Uma vez que os SNs com artigo definido apresentam-se mais com todas as variantes explícitas do que os SNs com não-artigo definido, e uma vez que se considera que a informação velha tende a ser veiculada pelos SNs definidos e a informação nova pelos SNs indefinidos, decidi analisar também a influência do *status* informacional do SN, buscando mais uma vez uma interpretação de base funcional para a influência da configuração sintagmática. Se o fenômeno aqui sob análise tiver alguma influência do *status* informacional do SN na direção funcionalista esperada, é de se supor que os SNs que veiculam informação nova exibam mais variantes explícitas de plural do que os que veiculam informação velha.

Observo, todavia, que a influência da forma de embalar a mensagem, que tem muito a ver com a ordem dos elementos na estrutura, num plano sintático-discursivo, está sendo observada para um fenômeno de natureza morfossintática, de forma indireta. Observo também que todos

os SNs analisados têm pelo menos uma marca de plural, nem que seja veiculada pelo numeral. Mesmo assim considerarei importante fazer esse tipo de análise.

Buscando evidências funcionalistas outras, levei também em consideração a possibilidade de haver influência da posição do SN na oração, levantando a hipótese de que sintagmas à esquerda, em posição tópica, pudessem vir com mais todas as variantes explícitas de plural.

A possível influência das variáveis correlacionadas a essas duas últimas hipóteses é de certa forma conflitante (Gorsky, 1994, p.46-7), tendo em vista a expectativa de que os sintagmas à esquerda da oração e os sintagmas que veiculam informação nova apresentem mais variantes explícitas, e a constatação de que as informações novas tendem a vir à direita do verbo (Naro & Votre, 1986, p.469). O suposto conflito, mesmo se observado, poderia ser interpretado nos termos de Du Bois (1984) como evidência de “motivações em competição”.

Se essas variáveis agora focalizadas – função do SN, *status* informacional do SN e localização do SN – tiverem relação estreita com a variável configuração sintagmática e se elas derem conta do porquê de sua influência nítida e marcante, é de esperar que, numa análise que envolve todas elas, a variável configuração não seja considerada como estatisticamente significativa e que o peso relativo de seus fatores seja atribuído aos das outras variáveis sob consideração. Caso contrário, interpreta-se que a variável configuração tem efeito independente de considerações funcionalistas como as aqui explicitadas.

A função do SN

Com base no grau de ligação explícita das idéias dentro de um texto, refletida pela estrutura sintagmática, separei, por um lado, três tipos de sintagma: (1) os que são quase vazios de significado plural, exercendo mais uma função fática – de iniciação, fechamento ou continuidade do discurso; (2) os que estabelecem uma relação inequívoca de retomada resumitiva de estruturas já enunciadas; (3) os que estabelecem uma relação inequívoca de retomada não-resumitiva de estruturas já enunciadas. Esses sintagmas perfazem um total de 89, e 57 deles não exercem nenhuma função sintática, por não se encontrarem sintagmaticamente ligados às orações constitutivas do discurso. As construções a seguir exemplificam essa categorização.

- Hoje, é tudo na base da cruzinha, do... né? (...) Eu já (...) vi... em colégios aí... Já fui apanhá o garoto, essas coisa toda, e o professor tá falando, tá uma bagunça... e gozam o professor ...
- Já saímos de melindrosa, de Pedrita, de... Que mais? Empregadinha. Essas bestera toda.
- Conheço uma pução de praia, sabe? Rio das Ostras, Iguaba, essas praia toda eu já fui em excursão, né?

Todos os demais sintagmas formaram um fator à parte.

Focalizando apenas as percentagens associadas a estes fatores (Tabela 4), pode-se verificar que todos os SNs vazios de significado plural ou de informação claramente redundante desfavorecem a ocorrência de todas as variantes explícitas. Os demais SNs, por sua vez, favorecem mais SNs com todas as variantes explícitas. Todavia, os pesos relativos – que medem o efeito conjunto de todas as variáveis em jogo – não evidenciam a mesma polarização observada nas percentagens e, além disso, a diferença entre os pesos relativos dos dois fatores (0,11) não foi considerada estatisticamente significativa (pesos relativos entre parênteses).

Tabela 4 – Influência da função do SN

Categorias	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas	Peso relativo
SNs fáticos ou de retomada	22	89	25%	(0,40)
Demais casos	462	859	54%	(0,51)
Total	484	948	51%	

Alteração na polarização dos resultados de frequência e pesos relativos indica sobreposição de variáveis. E configuração e função se sobrepõem porque quase todos os SNs fáticos e de retomada têm a configuração [demonstrativo + substantivo + quantificador] (*essas coisa toda*). Como a variável configuração sintagmática continua sendo considerada estatisticamente mais poderosa, os pesos relativos são atribuídos aos fatores da variável configuração e retirados da variável função. Além disso, a variável função apresenta sobreposição com uma outra variável – formalidade do SN (não constante deste texto). Muitos dos SNs

fáticos e de retomada são também informais (53/ 88 = 60%) e a variável formalidade também foi considerada mais significativa estatisticamente, retirando, portanto, o peso que seria atribuído à variável função. Quando a análise estatística se inicia, os dois fatores ora focalizados apresentam pesos relativos polarizados: 0,24 *versus* 0,53, respectivamente; com o cruzamento com a variável configuração, a polarização se reduz em 0,12: são atribuídos os pesos relativos 0,35 e 0,52 para os dois fatores. Com o cruzamento com a variável formalidade do SN, a polarização se reduz um pouco mais, ficando os pesos relativos em 0,40 *versus* 0,51. Todavia, esta diferença de 0,11 – que persiste até o final da análise – não é considerada estatisticamente. O efeito da variável função que se observa nas frequências em direção a uma provável eliminação de redundância é aparente. Em verdade, esse efeito aparente constitui apenas um reflexo do efeito da configuração sintagmática e da formalidade do SN.

Conseqüentemente, refuta-se a primeira hipótese levantada: a variável função não explica parte do forte condicionamento exercido pela configuração sintagmática.⁵

Status informacional do SN

A análise aqui proposta apresenta relação bastante estreita com as categorias de Prince (1981, p.223-55) e as de Gorsky (1985, p.44-7) sobre a forma de embalar a mensagem. Considerarei, portanto, a seguinte categorização: (1) informação nova-(nova não-ancorada, nova ancorada e nova disponível); (2) informação inferível, (3) informação velha e (4) não-entidade.

Como a própria denominação indica, a informação nova não-ancorada é introduzida pela primeira vez no discurso sem nenhuma ân-

5 Lobato (1994) reanalisa alguns resultados de minha pesquisa à luz da teoria de princípios-e-parâmetros de forma bastante interessante, mas diferente do que tenho proposto até o presente momento. Uma das generalizações feitas por Lobato é a de que o que importa com relação a essa variável é se o SN exerce ou não uma função sintática, opondo os SNs fáticos e resumitivos (sem função sintática) às demais categorias (com função sintática). Embora essa hipótese seja bastante tentadora, observo que a variável função do SN só foi considerada estatisticamente significativa na análise atomística dos dados. Como a análise não-atomística por ora envolve um número menor de dados, voltarei a essa discussão quando dispuser da análise não-atomística para todo o conjunto de dados. É também sedutora a hipótese de Lobato a respeito da interpretação da posição dos elementos não nucleares à esquerda ou à direita do núcleo do SN em termos de estrutura de adjunção ou de complementação. Como será visto na conclusão deste texto, a influência da posição à esquerda se verifica em termos sintagmáticos e em termos discursivos. Então, como dar conta de forma integrada desses dois aspectos?

cora, não sendo também previsível no texto, nem disponível e nem inferível, cultural ou situacionalmente. Entre os 948 SNs analisados, só encontrei 29 casos deste tipo. O pequeno número de dados deste tipo é compatível com as colocações de Gorsky (1985, p.83) e Naro & Votre (1986, p.469) de que o SN novo não-ancorado é raro, pois o falante, para manter a coesão do discurso, ou seu alto grau de textualidade, introduz poucas informações totalmente novas. As informações tendem a ser velhas e, se novas, tendem a ser fortemente ancoradas. Braga (1986), em seu trabalho sobre construções tópicas, encontra muitos SNs novos ao analisar a variável *status informacional do referente do SN* mais à esquerda, porque inclui na categoria novos todos os casos denominados de novos não-ancorados, novos ancorados e novos disponíveis (não usados) (p.402), consoante com as idéias expostas no texto de Braga & Silva (1984, p.33) de que

uma lista de referentes novos não usados parece-nos uma solução ingênua ... Sugerimos que a categoria novo não usado seja abandonada e que se utilize apenas a categoria totalmente novo ou, simplesmente, novo com as suas ramificações: ancorado e não ancorado.

Os SNs novos classificados como ancorados perfazem um total de 127 dados e são caracterizados em termos de se apoiarem na pessoa do falante através de pronomes possessivos, ou de virem introduzidos através de outros tipos de âncora como orações relativas e adjuntos adnominais. Esses casos foram assim classificados quando inseridos pela primeira vez no discurso. Caso contrário, classificaram-se ou como inferíveis ou como velhos.

A informação nova disponível (Gorsky, 1985, p.64-6) se caracteriza pelo fato de ser facilmente acessada pelo ouvinte, embora não se trate de informação já mencionada ou inferível do contexto. Esses SNs são depreensíveis do contexto cultural que rodeia o falante e podem vir com artigos definidos sem que haja qualquer estranhamento por parte do ouvinte. Segundo Gorsky (1985, p.66), "entidades deste tipo estão disponíveis no universo espacial e cultural dos participantes do discurso". Em nossa amostra, há um total de 56 casos deste tipo.

Nas passagens a seguir, o leitor encontra sublinhados alguns exemplos categorizados como novos.⁶

6 Sei que esse tipo de classificação não é fácil. As fronteiras entre uma categoria e outra nem sempre são claras. Sabendo disso, procurei ter um cuidado especial nessa classificação. Em meu texto de 1988a, tenho resultados mais detalhados, mas, por sugestão das organizadoras deste volume, reduzi o número de categorias na apresentação deste texto.

- Entrevistador: – E a política por aqui? Falante: (...) – Eu tenho assim uma simpatia por ela. Pela Sandra. Mays eu acho que eu não vô votar nela não. (...) Votá em branco. Acho que é melhor.
- Entrevistador: – Vai dexá em branco também? Falante: – Acho que vô dexá. Se num me derem umas xplicações muito correta, pra mim ver se intendo um pouquinho, eu dexo (...) em branco.
- Tem pessoas que você se dá melhor do que com otras, né? (...) Agora se é uma cabeça boa, se tem uma visão mais aprofundada dos valores humanos, elas [as filhas] se relacionam perfeitamente, nunca tiveram problemas de relacionamento. Elas chegam a...mesmo a fazer todas as baguncinhas que todo mundo faz normalmente.

A informação inferível se caracteriza por ser dedutível do contexto via raciocínio lógico ou através de elementos morfologicamente explícitos, sem que se faça a repetição ou substituição dos itens léxicos. O caso sublinhado no texto a seguir é um bom exemplo dessa forma de embalar a mensagem:

- Ela [a casa] tem um terraço, tem um terreno aqui por trás, tem goiabeira que me dá umas goiabas bunitas. Num deu esse ano, porque eu fui podá e não sei podá, e estraguei a goiabeira, sabe?

A informação velha, no sentido apenas de velho textual, é a que já foi mencionada no contexto precedente. Exemplificando:

- Essa semana mesmo o Paulo...ganhô e deu pra ele uns pés de coqueiro. (...) Já tinha dado uns três pés pra ele, agora demo mais três. E carambola...

O último fator desta variável é constituído por todos os SNs que são não-entidades. Ele engloba todos os casos do tipo:

- Há uns três anos atrás, nosso barraco...
- Uma cervejinha lá deve tá uns duzentos e cinquenta cruzeiro.
- Ele tinha uns dez a doze quilo na época.
- Eu não sei fazê nada disso nesses... nesses lugar todo, né?

A variável *status* informacional do SN, cujos resultados podem ser vistos na Tabela 5, não foi selecionada como estatisticamente relevante.

A metodologia estatística usada não seleciona os resultados dos pesos relativos apresentados na Tabela 5 porque considera que suas diferenças foram devidas ao acaso, não refletindo uma real distinção nos dados analisados. Então refuta-se também a hipótese de que a forma de embalar a mensagem possa contribuir para a explicação do efeito da variável configuração sintagmática.

Tabela 5 – Influência do *status* informacional do SN

Categorias	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas	Peso relativo
Novo	125	212	59%	(0,52)
Inferível	34	69	44%	(0,46)
Velho	200	451	44%	(0,46)
Não-entidade	125	216	58%	(0,56)
Total	484	948	51%	

Posição do SN na oração

A posição do SN na oração foi também considerada com o objetivo de entender a influência da configuração sintagmática do SN. Subjacente a esta variável encontra-se a hipótese de que os SNs à esquerda da oração, numa posição de tópico (Pontes, 1986, p.16-9, 177-236; 1987, p.11-40; Naro & Votre, 1986, p.454-66), tenderiam a se apresentar com todas as variantes explícitas. Exemplos e resultados podem ser vistos na Tabela 6.

Tabela 6 – Influência da posição do SN na oração

Categorias	Total de SNs com todas as variantes explícitas	Total de SNs analisados	Percentual de SNs com todas as variantes explícitas	Peso relativo
SN à esquerda do verbo (Todas as ruas , né? Pintaram...) (As outras pessoas taca garrafa...)	112	178	63%	0,61
SN à direita do verbo (A gente não consegue levar todas as informações , né) (Pelé teve seus momento bão)	349	712	49%	0,48
Localização indistintiva (Eu devia ter o quê? Uns dezolto anos ...) (Que nem os nosso pai)	23	58	40%	0,43
Total	484	948	51%	

Os resultados dessa variável são consistentes em termos discursivos: os SNs à esquerda, na posição de tópico, são os que mais se apresentam com todas as variantes explícitas de plural. Os da direita e os de posição não definida são os que menos se apresentam com todas as va-

riantes explícitas. Os resultados são interessantes, mas também em nada afetam a variável configuração sintagmática. Ambas as variáveis têm efeito completamente independente, nitidamente explicitado pela análise passo-a-passo, efetuada pelo programa computacional utilizado na análise dos dados.⁷

Portanto, verifiquei que a variável posição do SN na oração, embora relevante, também não constitui explicação para a influência da variável configuração sintagmática. A variável posição, além de não excluir a variável configuração, é a última a ser selecionada entre 12 analisadas e nove selecionadas.⁸

A Pluralidade do Contexto

Analisando os dados da amostra MOBREAL, Guy (1981a) propõe, para a concordância nominal numa abordagem atomística, uma outra variável de base funcionalista no sentido da economia linguística, que diz respeito ao efeito do local da informação adicional de plural. Segundo Guy (p.192-3),

os resultados estão de acordo com a tendência previamente notada neste dialeto [o português dos falantes mobralsenses] de marcar a pluralidade na primeira oportunidade, e então omiti-la em situações subsequentes redundantes. Isto segue no mínimo uma linha funcionalista: há uma taxa baixa de marcas de plural num contexto onde a marca teria uma carga funcional mais baixa.

Com relação a essa variável, testei sua influência na abordagem não-atomística e só obtive resultados estatisticamente significativos quando eliminei, a título de teste, a variável mais significativa da análise dos dados sob essa perspectiva: a pluralidade do contexto (Scherre, 1988a, p.283-301), hoje denominada paralelismo discursivo (Scherre & Naro, 1991, 1993). Nesse caso, o local adicional da informação de plural era sempre a última variável a ser selecionada. Considerando as duas juntas, a variável local adicional da informação de plural nem chegou a ser selecionada como relevante.

7 Para detalhes da análise, ver Scherre (1988a, p.345-7).

8 Na análise não-atomística foram consideradas as seguintes variáveis: 1) pluralidade do contexto (paralelismo discursivo), 2) configuração sintagmática do SN, 3) anos de escolarização do falante, 4) sexo, 5) saliência fônica, 6) grau e formalidade do SN, 7) pluralidade do SN, 8) posição do SN na oração – selecionadas nesta ordem; e 10) definitude do SN, 11) status informacional do SN, 12) faixa etária, 13) função do SN e 14) animacidade do SN, ainda não selecionadas como estatisticamente significativas e também eliminadas, nesta ordem.

Pela análise da pluralidade do contexto na abordagem não-atômica, cheguei à conclusão oposta à de Guy (1981a): um contexto nominal com mais variantes explícitas favorece sintagmas com todas as variantes explícitas, enquanto um contexto nominal sem todas as variantes explícitas desfavorece sintagmas com todas as variantes explícitas, e um contexto misto ou com sintagmas isolados têm efeito intermediário, independentemente dos anos de escolarização dos falantes (Tabela 7).⁹

Tabela 7 – Influência da pluralidade do contexto no nível discursivo

Falantes → Categorias		Todos os falantes	Falantes de 1 a 4 anos de escolarização	Falantes de 5 a 8 anos de escolarização	Falantes de 9 a 11 anos de escolarização
SNs com todas as variantes explícitas antes e ou depois do SN analisado	Freq.	170/220=77%	35/58=60%	55/68=81%	80/93=86%
	Peso relativo	0,72	0,70	0,79	0,64
SNs com pelo menos uma variante zero antes e/ou depois do SN analisado	Freq.	23/112=21%	9/52=17%	9/40=22%	5/19=26%
	Peso relativo	0,27	0,32	0,28	0,18
SNs isolados ou mistura de variantes antes e/ou depois do SN analisado	Freq.	291/616=46%	68/204=33%	91/203=45%	132/311=50%
	Peso relativo	0,46	0,49	0,43	0,47
Total		484/948=51%	112/314=36%	155/311=50%	217/314=69%

Essa influência, vista sob o prisma discursivo, também foi verificada no plano sintagmático (Tabela 8), quando da análise atômica.

No plano sintagmático, cheguei às seguintes conclusões:

1 variantes explícitas na primeira e segunda posições do sintagma favorecem variante explícita na terceira posição (**as maiores privações/ umas pessoas ricas**), bem como variantes explícitas na primeira, segunda e terceira posições do sintagma favorecem variante explícita na quarta posição (**as partidas todas iguais**);

2 variante zero na segunda posição tem efeito quase categórico no sentido de favorecer variante zero na terceira posição (**umas borracha grande/ dois risco verde/ as casa mais antiga/ as ota menina**), bem

9 Estou apresentando a análise exatamente como feita por mim em 1988a. Posteriormente, Naro e eu reanalisamos essa variável, modificando alguns aspectos, cujos resultados encontram-se em Scherre & Naro (1992). Os resultados de ambas as análises são bastante semelhantes.

como variante zero na terceira posição tem efeito igual para a quarta posição (as perna toda **marcada**/ os piores nome **feio**);

3 mistura de variantes – variante zero e variante explícita, nesta ordem, (do meus **tios**) ou mistura de marcas – variante explícita e numeral ou numeral e variante explícita – (as dez **horas**/ dez **sinhoras** lá **sentada**) tem efeito intermediário sobre a presença de variante explícita de plural;

4 uma só variante explícita precedente (os **meninos**; as **pessoas** ricas) favorece menos a variante explícita seguinte do que duas ou mais variantes explícitas precedentes; seu efeito é semelhante ao efeito da mistura de marcas;

5 o numeral precedente na primeira posição favorece variantes explícitas mais do que a presença de variante explícita precedente nessa mesma posição (seis **anos**; dez **sinhoras** lá sentada).

6 o núcleo semântico mais alto com plural formal (milhares de **coisas**) ou sem plural formal mas seguido de variante explícita (um **grupo de crianças** **abandonadas**) favorece variante explícita seguinte, enquanto o núcleo semântico mais alto sem plural formal (uma **porção de carro**) e/ ou seguido de variante zero (uma **porção de coisa interessante**) desfavorece variante explícita seguinte, contraste semelhante ao verificado entre os *fatores variantes explícitas imediatamente precedentes* (fator 1 da Tabela 8) ou *pelo menos uma variante zero precedente* (fator 2 da Tabela 8).

Em linhas gerais, verifica-se no plano sintagmático a mesma influência observada no plano discursivo: a de que um contexto de mais variantes explícitas favorece mais variantes explícitas e um contexto de variantes zero favorece mais variantes zero.¹⁰

10 Esse efeito no nível discursivo não é específico desse fenômeno e nem específico do português do Brasil. Em 1988, fiz um levantamento de todo o material bibliográfico disponível (Scherre, 1988a, p.378-425) até aquela época. A variável pluralidade do contexto no nível discursivo também é detalhadamente apresentada em 1988a (p.283-301), com farta exemplificação. A variável pluralidade do contexto no plano sintagmático (marcas precedentes) foi toda baseada no trabalho de Poplack (1980a) para o espanhol de Porto Rico e ambos os resultados são muito semelhantes. Na minha tese, faço considerações detalhadas a respeito do trabalho de Poplack e também sobre essa variável que neste texto está sendo sucintamente apresentada. Resta observar que a variante zero na primeira posição favorece categoricamente a variante explícita na segunda posição, mas isso ocorre de forma sistemática numa estrutura específica (artigo + possessivo + substantivo – nas minhas coisas – que envolve interpretações outras (Scherre, 1988a, p.181, 187-9), que não serão abordadas aqui.

Tabela 8 – Influência da pluralidade do contexto no nível sintagmático
(marcas precedentes ao elemento nominal analisado)

Falantes → Categorias		Todos os falantes	Falantes de 1 a 4 anos de escolarização	Falantes de 5 a 8 anos de escolarização	Falantes de 9 a 11 anos de escolarização
1) Variantes explícitas imediatamente precedentes	Freq.	294/418=70%	68/116=59%	96/135=71%	130/167=78%
(as <u>peessoas ricas</u>) (essas estradas <u>nova</u>)	Peso relativo	0,69	0,74	0,71	0,63
2) Pelo menos uma variante zero precedente a partir da primeira posição.	Freq.	14/225=6%	4/98=4%	5/91	5/36=14%
(umas <u>borracha grande</u>) (as <u>perna toda marcada</u>) (as <u>casa mais antiga</u>)	Peso relativo	0,08	0,12	0,06	0,09
3) Mistura de marcas ou de variantes.	Freq.	235/441=53%	55/160=34%	97/164	83/117=71%
(as <u>dez horas</u>) (dez <u>sinhoras lá sentada</u>)	Peso relativo	0,46	0,41	0,52	0,52
4) Uma variante explícita de plural imediatamente precedente	Freq.	2532/4768=53 %	666/1743=38%	938/1742=54%	916/1271=72%
(os <u>meninos/as pessoas ricas</u>)	Peso relativo	0,49	0,50	0,49	0,48
5) Só numeral precedente na primeira posição	Freq.	1032/1787=58 %	295/672=44%	334/716=61%	301/397=76%
(seis <u>anos dez sinhoras lá sentada</u>)	Peso relativo	0,59	0,58	0,60	0,59
6) Núcleo semântico mais alto com plural ou seguido de variante explícita	Freq.	11/17=65%	2/6=33%	3/4=75%	6/7=86%
(milhares de <u>coisas</u>) (um <u>grupo de crianças abandonadas</u>)	Peso relativo	0,67	0,47	0,81	0,83
7) Núcleo semântico mais alto sem plural formal e ou seguido de variante zero	Freq.	82/256=32%	22/99=22%	36/105=34%	24/52=46%
(uma <u>porção de carro</u>) (uma <u>porção de coisa interessante</u>)	Peso relativo	0,31	0,32	30,0	0,26
Total		4200/7912 =53%	1112/2894 =38%	1609/2957 =54%	1465/2047 =72%

As variáveis pluralidade do contexto, no nível sintagmático e discursivo, têm recebido na literatura lingüística pertinente uma denominação mais ampla de paralelismo lingüístico, que, nos termos de Schiffrin (1981, p.55-6), é interpretada como “uma tendência de formas gramati-

cais particulares ocorrerem juntas". Com base no caráter geral desta variável – influencia fenômenos diversos de línguas diversas –, propus em 1988 a incorporação pela lingüística de um outro princípio de natureza externa, denominado princípio do processamento com paralelismo, cuja real natureza ainda está por ser devidamente estabelecida (Scherre, 1988a, p.378-425).

Conclusão

Diante do exposto, verifica-se de forma sistemática que variáveis de natureza informacional, associadas a princípios funcionalistas que buscam dar conta da codificação da previsibilidade ou imprevisibilidade da informação nos termos de economia lingüística, não têm papel de destaque nos fenômenos de concordância de número plural no português do Brasil falado em áreas urbanas. A influência do paralelismo lingüístico no nível sintagmático e no nível discursivo, evidenciando a tendência de formas semelhantes ocorrerem juntas, é claramente contra-funcional no sentido informacional do termo.

Além disso, as variáveis função do SN e *status* informacional do SN, estabelecidas como uma tentativa de buscar interpretação informacional para a influência da variável configuração sintagmática, não se mostraram estatisticamente significativas. Para dar conta da variável configuração, na perspectiva não-atomística, considerei em 1988(a) duas outras hipóteses. Uma delas tem a ver com a presença do traço [+definido] do artigo definido. Esse traço é discursivamente mais saliente e, portanto, coerente com a noção mais ampla de saliência estabelecida por Naro (1981) de que quanto mais saliência mais concordância, quanto menos saliência menos concordância. Na linha dessa interpretação, poder-se-ia também generalizar a influência da posição do SN à esquerda da oração favorecendo a concordância por ser ela uma posição de tópico, e também mais saliente, como estabelece Naro (1981) para a concordância verbal e para a concordância nominal com base em amostras de fala de pessoas semi-escolarizadas.

Buscando mais generalização e procurando integrar a análise atomística com a não-atomística, relembro que a variável configuração é, em parte, uma forma diferente de ver a influência da variável posição, classe e relação entre as classes. Como já coloquei no início deste texto, verifiquei na análise atomística dos dados que os elementos não-nucleares que se encontram à esquerda da núcleo recebem mais marcas explí-

citadas do que os elementos não-nucleares à direita do núcleo. E como o SN que se encontra à esquerda da oração também tende a vir com mais marcas explícitas do que o que se encontra à sua direita ou em posição indistinta, constata-se então a influência da posição, quer em termos discursivos, quer em termos sintagmáticos.

Em verdade, é possível generalizar-se ainda mais a influência da posição. Lemle & Naro (1977), Naro (1981) e todos os outros pesquisadores que analisaram a concordância verbal no português do Brasil concluíram que o sujeito à esquerda do verbo propicia mais variantes explícitas nos verbos correspondentes do que o sujeito à sua direita. A variante de plural zero em verbos com sujeitos à sua direita também já está se manifestando mesmo na escrita-padrão (Scherre, 1993), como ilustram os casos “**Segue abaixo as especificações**”; “**Sairá** das AD's **caravanas** de docentes para participarem deste evento” e “No pagamento de junho **será distribuído** a cada servidor **dois contracheques**”. A ocorrência da variante zero na escrita-padrão se constata igualmente em casos de concordância nominal, não registrados pela tradição gramatical brasileira, quando há alteração de ordem entre os elementos das construções, ficando o controlador da concordância à direita, como também ilustram os dados “...É **exigido** dos candidatos **a comprovação** de que tenham cursado Doutorado nas respectivas áreas, demonstrem experiência e dominem uma língua estrangeira”; “Os empresários consideram **inadequado os critérios adotados** pelo estado para medir a poluição do ar e não querem pagar as multas”; “A Reitoria denuncia e torna **públicas as ameaças**...”.

Resta ainda interpretar o contraste entre as estruturas cujo último constituinte ou é um substantivo ou é um não-substantivo. Em 1988(a), levantei a hipótese de que a diferença de explicitação das marcas de plural em razão da configuração sintagmática dos SNs tem correlação com coesão sintagmática entre os elementos do SN, relacionada à noção de distância estrutural de Cornish (1986, p.187; Scherre, 1988a, p.362-8). Verifiquei que os únicos sintagmas que aceitam elementos entre eles, modificadores ou não, são os que têm como último constituinte a categoria não-substantivo. Não são raros os SNs do tipo *os irmãos **mais** novos, esses políticos **af** chaguistas, aquelas pessoas **assim bem** esquisitinha, as mulheres **ainda muito mais** antiga, as conta **muito** certa, as conta **quase** toda, os documento **dela** todinho*. Todavia, entre os constituintes dos SNs que têm como último elemento um substantivo, raramente se encontra qualquer modificador ou segmento interveniente. Encontrei apenas um caso deste tipo: *os meus **mais** velhos amigos*. A quase totalidade dos SNs do tipo *os meus filhos, todas as pessoas, algu-*

mas outras coisas não apresenta segmentos intervenientes entre seus constituintes.

Os SNs cujos constituintes aceitam ser separados por elementos de natureza diversa têm uma relação sintagmática menos coesa; e o menor número de marcas nesses casos deve ser visto como índice de menos coesão sintagmática entre os constituintes dos SNs. Inversamente, os SNs cujos constituintes não aceitam ser separados marcam formalmente essa inseparabilidade por meio de mais explicitação do morfema de plural. Essa hipótese dá conta do fato de os sintagmas que têm o substantivo como seu último constituinte não privilegiarem estruturas do tipo *s00* – variante explícita, zero, zero – (*as ota menina; nos primero capítulo*). Há apenas 15 casos desse tipo num total de 595 – 2% – (Scherre, 1988a, quadro 6.2.3.17, p.190) e essas construções são do tipo mais coeso.¹¹ Há, portanto, de forma geral, uma relação direta entre o grau de coesão sintagmática entre os elementos do SN de mais de dois elementos e o tipo de variante: mais coesão sintagmática mais variantes explícitas; menos coesão sintagmática menos variantes explícitas.

Em síntese, exibem mais variantes explícitas os SNs que estiverem em contexto de mais pluralidade, os que evidenciarem maior coesão sintagmática e os que apresentarem o *arqui* traço [+saliente], ou seja, os que se iniciarem por um artigo definido, os que estiverem em posição tópica e, também (Scherre, 1988a, p.355-7), os que apresentarem pelo menos um de seus constituintes com maior saliência fônica. Portanto, princípios de natureza não-informacional como o da saliência proposto por Naro (1981), o da relação entre coesão e concordância proposto por Cornish (1986) e o do processamento com paralelismo proposto por Scherre (1988a) é que, a meu ver, dão conta de forma mais adequada da variabilidade que envolve o fenômeno da concordância no português do Brasil.¹²

Embora muito já se tenha feito sobre a concordância de número no português do Brasil, considero que reanálises dos dados de meu próprio trabalho e análises de novos dados de áreas rurais e de áreas urbanas precisam ser feitas, a fim de que se possa ter um real entendimento desse aspecto tão característico, tão geral e tão sistemático que envolve o português vernacular do Brasil: a variabilidade da concordância de número.

11 Embora esta seja uma hipótese interessante, não estou segura de que a noção de coesão se aplica aos SNs de apenas dois elementos, os quais ainda estão sendo analisados em termos de configuração sintagmática.

12 Outra generalização importante que merece destaque é o fato de variáveis semelhantes evidenciarem atuação tanto no plano discursivo quanto no plano sintagmático, o que constitui mais uma evidência da necessidade de se ir além do nível oracional, mesmo em casos de fenômenos morfossintáticos, para uma melhor compreensão dos fatos linguísticos e, conseqüentemente, da língua.

SCHERRE, M. M. P. Nominal agreement and functionalism. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n.esp., p.181-206, 1997.

- **ABSTRACT:** *In this paper we argue that variation in noun phrase number agreement in Brazilian Portuguese is not explained by the principle of linguistic economy in the sense that "the more unpredictable a piece of information is, the more coding it requires" (Haiman, 1983, p.802) or, in other words, "what is predictable receives less coding than what is not (p.807). We present an analysis of five independent variables and we conclude that the inflectional elements of a noun phrase present more overt plural mark if (1) they are in a context of more plurality; (2) exhibit more syntagmatic cohesion; and (3) present the archi-feature [+salient]. Therefore we contend that the phenomenon we analysed can be better accounted for by non-informational principles such as Naro's salience principle, Cornish's cohesion principle (1986) and Scherre's parallel processing principle (1988a).*
- **KEYWORDS:** *Nominal agreement; functionalist principles; linguistic variation.*

Referências bibliográficas

- ALI, M. S. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1927. 25p.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 38.ed. São Paulo: Saraiva, 1992. 658p.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: A Socio-Linguistic Study in Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1985. 265p.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica.
- _____. *Construções de tópico de discurso*. Rio de Janeiro, 1986. p.393-453. (Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do "Projeto Censo" à educação).
- BRAGA, M. L., SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA*, 1, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 1976. p.464-77.
- BRAGA, M. L., SILVA, G. M. O. Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxinomia novo/ velho. *Série Estudos (Uberaba)*, v.10, p.27-40, 1984.
- CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation, and non-specific *tu* in Spanish of San Juan, Puerto Rico, and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, v.5, n.3, p.35-49, 1993.

- CORNISH, F. *Anaphoric Relations in English and French: A Discourse Perspective*. Great Britain: Biddles, 1986.
- CUNHA, C., CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, M. C. A. C. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Brasília, 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p.342-65.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar: A Prospectus*. Oregon, 1991. (Mimeogr.).
- GORSKY, E. M. *Condições de entrada e continuidade do referente em narrativas orais*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GUY, G. R. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History*. Philadelphia, 1981a. Dissertation (Ph.D) – University of Pennsylvania.
- _____. Parallel variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, D., CEDERGREN, H. (Ed.) *Variation Omnibus*. Canada: Linguistic Research, 1981b. p.85-93.
- HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v.59, n.4, p.781-819, 1983.
- JEROSLOW, E. H. M. *Rural Cearense Portuguese: A Study of one Variety of Nonstandard Brazilian Speech*. Cornell, 1974. Dissertation – Cornell University.
- KIPARSKY, P. Explanation in phonology. In: PETERS, S. (Ed.) *Goals of Linguistic Theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1972. p.189-225.
- LABOV, W. The functional character of change: The overestimation of functionalism. *Language and Society*, v.20, p.545-68, 1994.
- LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro, 1977. (Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL e Fundação Ford).
- LOBATO, L. M. P. *A concordância nominal no português do Brasil à luz da teoria de princípios-e-parâmetros e da sociolinguística variacionista*. Brasília, 1994. (Mimeogr.).

- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste – Alagoas e Pernambuco*. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1945.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v.57, n.1, p.63-98, 1981.
- NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v.9, n.esp., p.437-54. 1993.
- NARO, A. J., VOTRE, S. J. Emergência da sintaxe como um efeito discursivo. In: NARO, A. J. et al. Relatório final de pesquisa do Projeto subsídios do Projeto Censo à educação. Rio de Janeiro, 1986. p.454-81.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização, 1953.
- NICOLAU, E. M. D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Belo Horizonte, 1984. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- NINA, T. J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Rio Grande do Sul, 1980. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica.
- PAREDES SILVA, V. L. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.5, n.1, p.35-49, 1993.
- PEREIRA, A. K. *As concordâncias nominal, verbal e nos predicativos em função das situações de fala de um único falante*. Brasília, 1993. (Mimeogr.).
- PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva – curso superior*. São Paulo: Ed. Nacional, 1949.
- PINTZUK, S. *VARBRUL Programs*. 1988. (Inédito).
- PONTE, V. M. L. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. Rio Grande do Sul, 1979. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica.
- PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Pontes Editores, 1986. 287p.
- _____. *O tópico no português do Brasil*. São Paulo: Pontes Editores, 1987.
- POPLACK, S. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, v.56, n.2, p.371-85, 1980a.
- _____. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on/ s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.) *Locating Language in Time and Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980b. p.55-67.
- _____. Mortal phonemes as plural morphemes. In: SANKOFF, D., CEDER-GREN, H. (Ed.) *Variation Omnibus*. Canadá: Linguistic Research, 1981. p.59-71.
- PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p.223-55.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983. 506p.

- RODRIGUES, A. C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo.
- SANKOFF, D. *Variable rules*. In: AMMON, U., DITTMAR, N., MATTHEIER, K. J. (Ed.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p.984-98.
- SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica.
- _____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 1988a. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. Relação entre classe gramatical e posição na concordância nominal em português. SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA DO GEL, 33, 1987. *Anais ...* Campinas, IEL-UNICAMP, 1988b. p.364-73.
- _____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, v.18, n.5, p.52-70, 1991.
- _____. Sobre a leitura dos dados lingüísticos. In: SECCHIN, A. C. (Ed.) *Letra. A crise da leitura*, v.4, p.125-36, 1993.
- _____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP). Norma e Variação do Português*, v.12, p.37-49, 1994.
- _____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. O., SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (No prelo).
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Marking in discourse: birds of a feather. *Language Variation and Change*, v.3, n.1, p.23-32, 1991.
- _____. The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*, v.4, n.1, p.1-13, 1992.
- _____. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A. (São Paulo)*, v.9, n.1, p.1-14, 1993.
- SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. *Language*, v.57, n.1, p.45-62, 1981.
- SILVA, G. M. O. Variáveis sociais e perfil do Corpus Censo. In: SILVA, G. M. O., SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. (No prelo).